

lise do período “via um ovo atado na ponta do seu cobertor”, considera, na 2. ed., p. 168, *atado* como simples adjunto adnominal, e na 3. ed., p. 160, como equivalente a “que estava atado”

Sem dúvida alguma, a presente edição da “Gramática resumida” apresenta-se consideravelmente melhorada no seu conjunto e digna de figurar nas estantes de todos os estudiosos da língua portuguesa ao lado de outras gramáticas igualmente notáveis, como as dos professores Celso Cunha e Evanildo Bechara.

Felipe Jorge

\* \*  
\*

MEYERHOFF, Hans — *O Tempo na Literatura*, São Paulo, Editora MacGraw-Hill do Brasil, 1976, 130 pp.

Depois do aparecimento de duas obras fundamentais traduzidas no Brasil, nos últimos anos, debatendo a problemática do tempo na obra literária (*Tempo e Romance*, de Jean Pouillon e *O Tempo e o Romance*, de A.A. Mendilow), eis que sai a lume o trabalho em epígrafe, de Hans Meyerhoff.

Desde o início o A. estabelece a diferença entre o seu livro e o de Jean Pouillon, lembrando que este apenas parcialmente toca no problema do tempo enquanto que o seu tem um caráter mais filosófico e geral, embora em muitos passos se apóie em obras literárias.

Um dos aspectos primaciais do presente trabalho é que procura destrinçar as diferenças entre o tempo cronológico e o psicológico, mostrando com muita pertinência que ambos estão intimamente relacionados, o que constitui um esclarecimento para aquele que ainda julgavam serem realidades estanques.

H.M. assinala, como medida de precaução, que seu estudo “não pretende ser um exercício de análise literária” (pref., p. XIV) mas antes uma “comparação entre o tratamento científico e o tratamento literário do tempo (pref., p. XIV).

H.M. lembra ainda nessa altura que outros autores trataram da problemática do tempo de modo filosófico, caso de Georges Poulet em duas obras, *Estudos Sobre o Tempo Humano* e *A Distância Interior*.

Ultrapassadas estas preliminares passa ao estudo propriamente dito, dividindo a obra em quatro capítulos: “Experiência e Natureza”; “Aspectos do Tempo na Literatura”, “O Tempo e o Mundo Moderno” e “Literatura, Ciência e Filosofia”

Destes tópicos, o segundo trata rigorosamente do tempo na obra literária, enquanto que os outros apenas tangencialmente se preocupam com o assunto, mantendo um caráter mais geral.

No capítulo dedicado à literatura (por sinal o mais extenso e fulcral do livro) H.M. analisa os modos possíveis do aparecimento da atividade subjetiva, ou distribuição desigual; fluxo contínuo, ou duração; fusão dinâmica ou interpenetração da ordem causal na experiência e na memória; duração e estrutura temporal da memória em relação à auto-identidade; eternidade e transitoriedade, ou direção temporal para a morte.

Como se pode depreender, os dois últimos tópicos extrapolam o caráter especificamente literário e situam-se no campo da especulação filosófica.

No que concerne à apreciação da inter-dependência funcional das unidades do tempo e do eu com relação ao passado, cumpre destacar a análise da problemática da memória e da imaginação como tempos fundamentais na criação da obra literária. A propósito do segundo aspecto, assinala H.M.:

“A imaginação criadora é recordação criadora. A recordação é uma atividade uma operação — não a reprodução passiva das respostas habituais da memória. Construir uma obra de arte é reconstruir o mundo da experiência e do eu” (p. 43).

Outra linha importante defendida pelo A. é a da assunção do tempo como evolução criadora a que se liga a problemática da transitoriedade e da eternidade.

Obra extremamente sugestiva quanto à caracterização do tempo na literatura, alargando-se em termos da própria vida humana, o presente trabalho de H.M. revela-se imprescindível instrumento para os estudiosos da ficção em geral e em particular do romance.

João Décio

\* \* \*

\*

SILVEIRA, Miroel A CONTRIBUIÇÃO ITALIANA AO TEATRO BRASILEIRO. Edição Quiron/MEC. 1976. 319 p.

O livro, originariamente uma tese para obtenção do grau de Doutor, é um estudo detalhado da influência italiana no teatro brasileiro, cobrindo o período de 1895 a 1964. O autor inicia com os antecedentes históricos, sociais e econômicos, que motivaram a emigração dos italianos. Para tal nos traça um